

“ADEUS, HORMÔNIOS”: NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE CORPO, SAÚDE E CONTRACEPÇÃO NA PERSPECTIVA DE MULHERES

Autora: Ananda Cerqueira Aleluia dos Santos

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cristiane S. Cabral

Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. E-mail: cerqueirananda@usp.br

Resumo

Há um movimento de mulheres começando a deixar de fazer uso do anticoncepcional hormonal, pondo em questão os malefícios que seu uso pode acarretar à saúde e buscando métodos mais naturais de gestão da contracepção. Há um questionamento da medicalização do corpo feminino, e o hormônio aparece como o grande vilão. Essa tendência tem sido percebida, em grandes proporções, nas redes sociais, onde várias meninas se conectam em páginas e grupos no *Facebook*, alguns deles com mais de 100 mil membros ou curtidas. Neles, elas trocam experiências sobre o uso de métodos contraceptivos, publicam textos sobre empoderamento feminino, tiram dúvidas entre si sobre diversos temas referentes à sexualidade, e assim, constroem uma rede de busca e troca de conhecimentos e apoio. As redes sociais se configuram como uma ferramenta fundamental nessa nova prática. Jornais como *A Tarde*, *O Globo*, *BBC*, e outras revistas, têm divulgado matérias a respeito, e grande parte das notícias data dos anos de 2015 e 2016, o que demonstra a crescente disseminação deste tema. Este trabalho busca compreender estas novas práticas de cuidado com o corpo, os principais argumentos utilizados, a gestão da sexualidade e do risco de uma gravidez imprevista, bem como o papel das redes sociais neste novo cenário.

Palavras-chave: saúde, corpo, sexualidade, contracepção, redes sociais.

Introdução

Atualmente, tem se observado um comportamento peculiar entre um grupo de mulheres que está deixando de usar anticoncepcionais hormonais, pondo em questão os diversos malefícios que seu uso pode acarretar à saúde. Deste modo, nota-se um questionamento da medicalização do corpo feminino, e a saúde e o bem-estar tem se tornado uma questão prioritária em relação à prevenção da gravidez. Essas mulheres dizem buscar a união entre o bem estar físico e a contracepção, sendo que o primeiro vem sendo colocado como precedente ao segundo.

Esse ponto dialoga com as ideias de Kristin Luker (1975), que aborda o tema da contracepção a partir de um ponto de vista mais complexo. Ela contesta as ideias correntes de que uma gravidez imprevista aconteça em função da falta de informação e racionalidade das mulheres. A autora argumenta que elas têm conhecimento dos riscos quando não utilizam métodos contraceptivos mais eficientes. Há o que ela chama de “custos e benefícios” da contracepção, que estão para além do objetivo de prevenir a gravidez, argumentando que as mulheres tendem a pesar os custos atuais da contracepção em detrimento da incerteza de uma gravidez futura.

O grande vilão “eleito” e subjacente a essa mudança de comportamento em relação aos contraceptivos orais é o hormônio e todos os efeitos colaterais que ele causa. Sob a alegação de tais argumentos, as moças começam a buscar métodos contraceptivos não hormonais, métodos comportamentais, como a tabelinha, coito interrompido, e métodos naturais como o de ovulação Billings, o método sintotérmico, etc. A literatura aponta que o preservativo é, geralmente, o método contraceptivo mais utilizado em início de relacionamentos, em relações eventuais, ou até que este se torne um relacionamento fixo (CABRAL, 2011). Após estabelecimento de confiança entre o casal, a camisinha é descartada e o anticoncepcional passa a ser o método contraceptivo utilizado. Observa-se, contudo, que o preservativo volta a fazer parte da vida sexual desse conjunto de moças, independentemente do status do relacionamento.

Essa tendência tem sido percebida, principalmente, nas redes sociais, onde várias meninas se conectam em páginas e grupos fechados no *Facebook* intitulados como “vítimas de anticoncepcional – unidas a favor da vida” (página com 138.717 curtidores), “Adeus Hormônios” (grupo fechado com 119.537 membros), “ginecologia natural” (grupo fechado com 16.220 membros), entre outros. Nestes grupos elas compartilham suas experiências em relação ao uso de pílula e demais métodos contraceptivos, tiram dúvidas umas com as outras sobre este e outros temas, trocam informações, se auxiliam mutuamente em busca de informações variadas. Nas interações virtuais geralmente são abordadas questões como: os motivos pelos quais resolveram parar de usar a pílula anticoncepcional, efeitos pós-interrupção da pílula (como o aumento de peso, da libido, das espinhas e a falta de regularidade da menstruação), remédios naturais para cólica, métodos naturais de fazer higiene íntima, dúvidas e troca de experiências sobre orgasmo feminino, dúvidas e troca de informações sobre métodos contraceptivos não hormonais, DSTs, troca de informações adquiridas com ginecologistas mais “naturalistas”, entre outros. Parece haver ali uma tentativa de pôr em prática uma nova forma de gestão do corpo e da sexualidade, com recurso a estratégias e métodos que são considerados como de menor agressão ao corpo.

Este tema vem ganhando espaço na mídia e nas pautas de jornais de grande circulação. Periódicos como Folha de São Paulo, O Globo, BBC, A Tarde, Diário Catarinense e outras revistas têm divulgado matérias a esse respeito. Numa busca inicial exploratória na internet, observa-se que grande parte das notícias data dos anos de 2015, 2016 e 2017, o que demonstra o quanto este fenômeno é recente e vem se ampliando. Se esta era uma prática que já vinha sendo realizada há mais tempo entre alguns grupos sociais, podemos supor que a veiculação nas grandes mídias pode implicar na agregação de mais adeptas e maior difusão de tais ideias não apenas nos meios de comunicação, mas também nas redes sociais.

O objetivo geral do trabalho é compreender os contornos de um discurso recente/emergente sobre o “corpo natural” e o processo de abandono do contraceptivo hormonal. Os objetivos específicos são: Caracterizar o perfil das jovens que deixaram de usar contraceptivo hormonal por considerarem que ele “faz mal ao corpo”; Identificar as razões que levaram as jovens a deixar de usar contraceptivos hormonais; Compreender as formas de gestão dos riscos de gravidez entre as jovens que deixaram de usar o contraceptivo hormonal; Compreender o lugar das redes sociais e dos grupos de apoio no processo de troca de método contraceptivo.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, por compreender que tal abordagem contribui com a busca pela apreensão dos significados conferidos às práticas relatadas pelas jovens que serão alvo da pesquisa, visto que é de suma importância dar voz a este grupo. De acordo com Minayo e Sanches (1993), é na abordagem qualitativa que se afirmam o campo da subjetividade. É onde há possibilidade de compreensão das relações e atividades humanas, de aproximação entre sujeito e objeto, e de tornar significativas as ações, estruturas sociais e relações humanas.

As participantes da pesquisa serão as mulheres que fazem parte dessas comunidades fechadas sobre contracepção hormonal do *Facebook*. Um dos grupos, que terá grande foco aqui, atualmente contém cerca de 120.000 membros, e obviamente não será possível dar voz a todas essas pessoas, mesmo porque nem todas

são participantes ativas. Os relatos analisados serão apenas de quem “postar” ou responder e sustentar as “postagens” de outras participantes em torno de temas relativos ao “abandono” da pílula.

Considero plausível a realização de um trabalho de campo dentro dos grupos virtuais, seguindo, dentro das possibilidades, o modelo de trabalho de campo tradicional, com uma imersão profunda, registrando aspectos relacionados a investigação em um caderno de campo, tentando captar os detalhes, com olhar crítico e atento às mais diversas questões que serão abordadas pelos sujeitos em seus relatos, catalogando-os e organizando-os, para uma posterior análise dos discursos. Silva (2001) compreende que a internet se configura como um novo espaço de suporte aos processos cognitivos, sociais e afetivos, e nela, as pessoas reconstróem suas identidades e laços sociais, gerando uma teia de novas sociabilidades que suscitam novas práticas culturais. Além disso, a autora indica que esse novo tipo de organização facilita a mobilidade no e do conhecimento, as trocas de saberes, a construção coletiva de sentido.

Após um longo período de acompanhamento das postagens, os relatos que estão disponíveis nas páginas do *Facebook* serão selecionados, organizados e, em seguida, analisados pela própria pesquisadora. As narrativas selecionadas serão interpretadas a partir da análise de discurso.

Discussão

Os anticoncepcionais orais ou “pílulas anticoncepcionais” foram primeiramente desenvolvidos nos Estados Unidos da América, ao longo da década de 1950, e comercializados a partir de 1960 (DIAS, 2015). Segundo Watkins (1998), a pílula foi considerada, em 1968, como uma das grandes invenções do século XX, e essa imagem da pílula como algo “revolucionário” ainda perdura no imaginário popular. Ela é concebida como uma solução tecnológica para os problemas sociais de planejamento familiar e de controle populacional. Então, que novo processo é este no qual a pílula deixa de ser uma ferramenta de libertação e se transforma num elemento de “opressão”? Nos discursos das mulheres que a abandonaram ou que estão neste processo de deixar de usar o contraceptivo, a pílula é apresentada como um medicamento que provoca aprisionamento, pois ela não permite que as mulheres conheçam e tenham controle sobre seus corpos, sua saúde, suas secreções, menstruação, humor, etc. Além disso, a pílula é tida como uma droga que mantém o corpo permanentemente medicalizado, exposto ao risco de doenças graves e até fatais, responsável pela pouca satisfação sexual, e tudo isso em prol de uma responsabilidade que fica restrita à mulher. A pílula ainda está associada a todo um padrão de comportamento exigido pela sociedade, onde não cabe as oscilações de humor devido à TPM e aos períodos de menstruação. Assim, o que antes parecia libertador, transfigura-se como mais um elemento de opressão feminina e de submissões diversas: submissão ao comodismo masculino, ao médico, às doenças, a uma exigência social, à indústria de medicamentos, a responsabilidade por evitar uma possível gravidez, entre outras questões. Todo este movimento se coaduna a um discurso sobre “corpo natural” que é preciso melhor compreender. Como já foi mencionado, não se trata apenas do abandono dos hormônios, mas parece que este é um processo que anda em conjunto com a busca de um corpo natural em outras esferas da vida para muitas mulheres.

Consideramos importante fazer uma análise mais aprofundada em torno de algumas questões: pode-se dizer que há um novo discurso em torno da pílula? Que elementos caracterizam os discursos em torno do abandono da pílula? O que pode ter incitado o surgimento desta rejeição aos contraceptivos orais neste momento? Quem são as mulheres em busca de um “corpo natural”? Quais são os “custos e benefícios” (LUKER, 1975) da contracepção hormonal segundo as usuárias que abandonaram a pílula? Quais são as narrativas dessas mulheres sobre o risco e a prevenção da gravidez? Como essa prevenção é regulada?

Conclusão

Este é um projeto de pesquisa de mestrado iniciado em janeiro de 2017. A trabalho de campo da pesquisa em questão começou a ser desenvolvida recentemente, sendo assim, não dispomos até o dia de hoje

muitos resultados concretos. Tendo o trabalho de campo sendo iniciado, em seguida entraremos na fase de sistematização dos dados para posterior análise e escrita.

Referências

CABRAL, Cristiane S. **Práticas contraceptivas e gestão da heterossexualidade:** agência individual, contextos relacionais e gênero. 299 f. Tese (Doutorado em Medicina Social) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DIAS, Tânia Maria. **Controvérsias e Estabilização:** O debate sobre as pílulas anticoncepcionais no diário O Globo, nas décadas de 1960 e 1970. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências, Saúde da Criança e da Mulher, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

LUKER, Kristin. **Taking Chances:** Abortion and the Decision Not to Contracept. California: University Of California Press, 1975. 207 p.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993

SILVA, Lídia J. Oliveira Loureiro da. A Internet: a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Org.). **Janelas do ciberespaço:** Comunicação e cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2001. p. 151-171.

WATKINS, Elizabeth Siegel. **On The Pill: A Social History of Oral Contraceptives, 1950-1970.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 183 p.